



**AS VIVÊNCIAS DE LAZER DOS HOMOSSEXUAIS MASCULINOS QUE VIVEM COM O HIV/AIDS: ALGUNS APONTAMENTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS<sup>1</sup>**

Ricardo Augusto J. Sales<sup>2</sup>

**RESUMO**

*Esse artigo propõe-se a discutir as vivências e possibilidades de lazer de um grupo de homossexuais masculinos que vivem com o HIV/aids em Belo Horizonte (MG). O estudo busca compreender as experiências de lazer e o significado que tais práticas configuram no conjunto dos processos sociais que constituem a identidade dos sujeitos pesquisados. A metodologia qualitativa de pesquisa-intervenção foi utilizada junto a sete sujeitos, vinculados a uma ONG/aids, na perspectiva de um conhecimento construtivo-interpretativo. A observação-participante e a entrevista semiestruturada foram os instrumentos selecionados para o estudo.*

**Palavras-chave:** homossexualidades masculinas, lazer, HIV/aids

**ABSTRACT**

*This article presents a discussion of living habits and leisure possibilities of male HIV positive homosexuals in Belo Horizonte (MG). The study aims to understand leisure experiences and the meaning that such practices represent in social processes which constitute the identity of the informants, after HIV positive confirmation. The research-intervention qualitative methodology was used with seven male homosexuals which are HIV positive, who were linked to an ONG, trying to get a constructive-interpretative knowledge. Participant observation and semi-structured interviews were the selected instruments for this study.*

**Key words:** HIV/AIDS, male homosexuality, leisure.

**RESUMEN**

*Este artículo se propone a discutir las vivencias y posibilidades de recreación de un grupo de homosexuales masculinos que viven con VIH/SIDA en Belo Horizonte (MG). El estudio busca comprender las experiencias de recreación y el significado que tales prácticas configuran en el conjunto de los procesos sociales que constituyen la identidad de los sujetos, vinculados a una ONG/SIDA, en la perspectiva de un conocimiento construtivo-interpretativo. La observación-participante y la entrevista semiestruturada fueron los instrumentos seleccionados para el estudio.*

<sup>1</sup> Essa pesquisa de Mestrado foi realizada sob a orientação do professor Walter Ernesto Ude Marques.

<sup>2</sup> Mestre em Lazer, Licenciado em Educação Física. Servidor TAE- UFMG/Fac. Odontologia. Voluntário no Gapa-MG.



**Palabras clave:** *homossexualidades masculinas, recreación, VIH/SIDA.*

## **Introdução**

O artigo é baseado em um dos capítulos de minha dissertação de mestrado, *Homossexualidades masculina, lazer e HIV/aids: entre a revelação e o encobrimento das identidades*, defendida junto ao programa interdisciplinar de mestrado em lazer da UFMG, que procuro compreender como tem acontecido o lazer de um grupo de homossexuais masculinos de baixo poder econômico portadores do HIV/aids, participantes de um programa desenvolvido pelo Grupo de Apoio e Prevenção a Aids – Gapa-MG, em Belo Horizonte (MG). Por esta pesquisa estar inserida no campo da subjetividade e das representações simbólicas, elegemos a metodologia qualitativa. Optamos, portanto, como procedimentos metodológicos a entrevista semiestruturada e a observação-participante nas reuniões de convivência e em algumas práticas de lazer desses sujeitos, “tipicamente convivente” (Demo, 2004), como possibilidade de gerar reflexões que pudessem (re)significar a realidade dos sujeitos nos vínculos pessoais e sociais. O trabalho de campo foi marcado pelo viés da pesquisa intervenção.

Na tentativa de uma melhor compreensão do lazer, inicialmente, proponho um estudo das concepções de alguns autores do campo do lazer. Não existe aqui a pretensão de esgotar o assunto, uma vez que os pesquisadores apresentam fundamentações teóricas distintas e muitas vezes complementares. O intuito principal busca eleger alguns conceitos e ideias que contribuam para a interpretação e análise dos fenômenos pesquisados.

A partir de alguns indicadores apontados pelo estudo, do meu relacionamento profissional e da prática de pesquisador junto aos homossexuais soropositivos, pretendo responder os seguintes questionamentos: *Como tem acontecido as vivências e possibilidades de lazer na cidade de Belo Horizonte? Quais são os espaços e tempos para essas vivências? Como têm sido as relações sociais nas práticas de lazer? De que forma esses espaços contribuem para o processo de construção identitária desses sujeitos? O que mudou após a confirmação do HIV/aids?*

Poucos trabalhos publicados sobre a aids tratam da promoção da saúde, no que se refere às práticas da cultura corporal de movimento e do lazer, como uma dimensão da vida e um direito social dos portadores.

Vale ressaltar que esses sujeitos enfrentam grandes mudanças após a confirmação da soropositividade. *Será que dispõem de tempo livre para o lazer? Como lidam com a nova condição, considerando os sistemáticos exames laboratoriais e os efeitos colaterais de alguns medicamentos? Como esses sujeitos vivenciam a identidade homossexual e soropositiva nos diferentes espaços e tempos de lazer?* Essa discussão exige o cuidado com as dimensões espaço e tempo, já que interferem diretamente nas vivências de lazer dos sujeitos pesquisados, conforme relata Marcellino (1995, p.67):

*[...] ser o tempo e o espaço disponíveis condições necessárias, porém, não suficientes para um melhor aproveitamento da vivência de lazer, no sentido de garantir o humano na vida do homem, a fim de minimizar os efeitos negativos construídos nas relações das sociedades modernas.*

Além do tempo e espaço, tento compreender o conjunto de vínculos interpessoais estabelecidos –



família, amigos, colegas de trabalho e escola, movimentos sociais – dos homossexuais masculinos infectados pelo HIV/aids.

### **Quanto às noções do fenômeno lazer verificadas nesta pesquisa: Tempo livre/ Tempo Conquistado/ Tempo Disponível**

O tema do lazer envolve questões culturais, econômicas, biológicas, sociais, tornando-se multidisciplinar. A categoria abrange ainda tensões, ambiguidades e níveis de complexidade. Os pesquisadores passaram, então, a empreender esforços para distinguir características próprias desse fenômeno.

Em meados do século XVIII, o termo lazer foi relacionado ao tempo e ao trabalho. De acordo com Gaelzer (1979), o lazer caracteriza-se como a “harmonia individual entre atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade de si mesmo. É um estado mental ativo associado a uma situação de liberdade, de habilidade e de prazer”.

Werneck (2000) relaciona, historicamente, o lazer ao ócio, uma virtude enfatizada pelos filósofos gregos na Antiguidade. Na civilização romana, o termo *licere* designava as práticas culturais consideradas lícitas. Uma rigorosa disciplina em relação ao divertimento buscava evitar as tentações para a vadiagem. No período medieval, o lazer era considerado pernicioso aos seres humanos, um perigo para a purificação da alma.

A partir da Modernidade, de acordo com a autora, o lazer vincula-se à dimensão temporal. Essa perspectiva foi impulsionada pela produção capitalista e pela intensificação dos centros urbanos. Novos rumos para o lazer, o trabalho e a educação foram então definidos. As jornadas diárias dos trabalhadores fabris chegavam a 16 horas e não sobrava tempo para o lazer. A exploração da mão de obra levou os trabalhadores a reivindicações sociais, incluindo o lazer. Werneck (2000, p.139) relata:

*Emerge, assim, o significado de lazer não como um privilégio de classe, mas como um direito de cidadania a ser usufruído igualmente por todos, concretizando principalmente na categoria tempo, seja ele considerado como “tempo livre”, como tempo de “não trabalho”, “desocupado” ou “liberado”.*

A pesquisadora alerta que, nas últimas décadas do século XX, as pessoas percebem o lazer como mercadoria, propagada e comercializada como recreação. Para o sociólogo francês Joffre Dumazedier (1979, p.34), o lazer é:

*Um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações, familiares e sociais.*

Na concepção do autor, a vida do sujeito divide-se em dois tempos – um dedicado às obrigações de trabalho, familiares e sociais, e outro, destinado ao descanso, divertimento ou entretenimento. Dumazedier explica que as funções iniciais do lazer são a liberação e o prazer, que, por sua vez, se subdividem em três: a) o descanso, cujo objetivo representa a recuperação psíquica do esforço de um dia



de trabalho; b) o divertimento, que rompe com a monotonia do trabalho ou leva o indivíduo à criatividade<sup>3</sup> c) o desenvolvimento pessoal, no qual deve-se ampliar a participação social voluntária e a formação desinteressada.

O divertimento busca uma compensação e/ou a fuga para um mundo diferente, pode levar a atividades que impliquem mudanças de lugar, de ritmo e de estilo de vida.

Na obra “*Sociologia Empírica do Lazer*”, Dumazedier (1979) destaca algumas características específicas e indispensáveis ao lazer, que apresento, de maneira sucinta, a seguir:

- a) *Caráter Liberatório* – resultante da livre escolha do indivíduo; a liberação do trabalho e das demais obrigações, impostas pelos organismos básicos da sociedade ou “campos sociais”: instituições familiar, sociopolíticas e socioespirituais.
- b) *Caráter Desinteressado* – o lazer não pode estar submetido a nenhum fim lucrativo, utilitário, ideológico ou religioso; não deve colocar o indivíduo a serviço de nenhum bem material ou social.
- c) *Caráter hedonístico* – indica a busca por estados de satisfação, alegria e felicidade, tomados como um fim em si. Se não existe o caráter hedonístico de euforia, fruição, o lazer perde o sentido, tornando-se empobrecido.
- d) *Caráter Pessoal* – depende do interesse pessoal; deve atender às necessidades dos indivíduos, possibilitando a liberação das fadigas corporais promovidas pela vida moderna.

Os homossexuais masculinos que vivem com o HIV/aids estudados teriam condições de exercer a liberdade de escolha, tendo em vista o desengajamento profissional e as desobrigações familiares. Todavia, a liberdade de escolha é limitada por fatores econômicos, culturais, educacionais e sociais. Destaco, nesse caso, a estigmatização. Uma série de determinismos da sociedade atua nas escolhas e formas de lazer dos indivíduos. Portanto, o caráter de livre escolha não está condicionado apenas ao desligamento de obrigações, mas também às opções de lazer oferecidas aos indivíduos, dentre as diversas possibilidades.

Dumazedier restringe o lazer à prática de determinadas atividades e o define em oposição ao conjunto de necessidades e obrigações da vida cotidiana, especialmente do trabalho. O autor menospreza que trabalho e lazer compõem a mesma dinâmica social e estabelecem relações dialéticas (Gomes, 2004).

Numa sociedade, em que a maioria dos tempos e espaços de lazer está vinculada a fins lucrativos, utilitários ou ideológicos, as necessidades dos indivíduos tornam-se secundárias. Considerando as características levantadas por Dumazedier, pode-se verificar a inexistência da prática do lazer de forma “plena”.

Para Gaelzer (1979), além do tempo e do trabalho, o lazer envolve atitude e atividade. Para a autora, a atitude constitui um elemento básico ao lazer, pois é fundamental que o indivíduo analise, conscientemente, as formas de agir, saiba planejar e reservar o tempo livre.

Percebe-se uma contradição entre os conceitos de Gaelzer e Dumazedier. Para Gaelzer, o desenvolvimento do ser humano representa uma consequência do lazer, já Dumazedier considera o desenvolvimento uma das funções do lazer. Compartilho as ideias de Gaelzer por entender que o desenvolvimento integral pode ser propiciado por atividades de lazer de livre escolha e não obrigatórias,

<sup>3</sup> Antes renegada no sistema produtivo, a criatividade é apontada como uma necessidade no mundo corporativo contemporâneo.



alcançando resultados previsíveis e imprevisíveis. Todavia, não se pode afirmar que o lazer constitua o único fator de desenvolvimento humano.

Para Stanley Parker (1978), o lazer significa:

*tempo livre de trabalho e de outras obrigações e também engloba atividades que se caracterizam por um sentimento de (relativa) liberdade. Como sucede com outros aspectos da vida e da estrutura social, o lazer é uma experiência do indivíduo, um atributo do grupo ou de outra atividade social, e possui organizações relevantes que procuram atender às necessidades de lazer, reconciliar interesses conflitantes e implementar as políticas sociais. (p.10)*

Parker introduz a institucionalização do lazer e utiliza a expressão ‘tempo livre’, de origem marxiana. Ele esclarece que o lazer se apresenta com várias nuances. Se analisado apenas como experiência individual, a avaliação torna-se limitada. Concebê-lo somente como tempo livre significa negligenciar as demais possibilidades. Segundo o autor, a própria ideia de ‘tempo-livre’ é enganadora e simplista, pois, baseado em Berger, ‘tempo algum é livre de coações normativas; o que é trabalho para alguns é lazer para outros’. (ibid., p.12)

Pode-se afirmar que a concepção de Parker não diminui as dificuldades de compreensão do termo, o que nos leva a um relativismo absoluto. Portanto, não é possível optar por uma única definição.

Conceitos contemporâneos, como aponta Marcellino (2000), relacionam o lazer ao tempo e à atitude. Quando não há obrigações relativas ao trabalho, existe o “tempo liberado”, que poderá se tornar lazer. No entanto, essa potencialidade está condicionada ao tipo de experiência vivenciada e à satisfação alcançada no tempo livre. Uma mesma ação pode proporcionar prazer a uns e não propiciá-lo a outros. O autor indica também que, além das profissionais, as obrigações familiares, religiosas e sociais não podem ser consideradas como “tempo liberado” ou disponível para o lazer. A configuração do lazer está atrelada aos aspectos tempo e atitude.

Se o lazer for compreendido somente como atitude, estilo de vida ou relação com determinada atividade, qualquer ação poderia ser considerada lazer, até mesmo, as obrigações profissionais, já que algumas pessoas manifestam satisfação e prazer no trabalho. Na sociedade capitalista, a lógica produtivista é preponderante. De acordo com Dumazedier, essa situação mostra-se contrária ao sentido do lazer.

Da mesma forma, considerar apenas o aspecto tempo representa postura questionável. *Como caracterizar o tempo? O tempo de deslocamento ao trabalho pode ser considerado? Os momentos de prazer proporcionados pelas obrigações familiares constituem tempo de lazer? O tempo de lazer - disponível ou liberado (conquistado) - relaciona-se com o das obrigações. No decorrer da história, o trabalhador conquistou o tempo disponível, mas depende da atitude para que seja considerado lazer. Marcellino (1990, p.31) caracteriza o lazer:*

*como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter ‘desinteressado dessa vivência’. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela*



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

*situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.*

O autor descreve características próprias do lazer e cita diferentes possibilidades de vivências, ‘podendo ser a atividade prática ou contemplativa’. Para ele, o traço definidor do lazer não é a atividade em si, mas a reação provocada pela situação. Logo, a efetivação do lazer depende não só da disponibilidade de tempo, mas também da qualidade da vivência, que deve visar o caráter desinteressado. O pesquisador prefere a expressão “tempo disponível”, uma vez que não existiria um tempo livre de coações ou de normas de conduta social.

As definições de Dumazedier e Marcellino são similares e complementares em alguns momentos. O lazer pode ser visto tanto como oposição às necessidades e obrigações da vida cotidiana, quanto cultura praticada ou fruída, de forma desinteressada, no tempo disponível. Para vivenciar uma opção de lazer, é preciso dispor de tempo livre e atitude, independentemente de ser uma atividade contemplativa ou prática.

O termo “desinteressado” utilizado por Marcellino nos remete à “dialética da vida cotidiana” apontada por Dumazedier. Na vida diária, as tarefas se impõem a partir de interesses, geralmente, profissionais. Ao infringirmos essas tarefas, nos colocamos em situação de lazer, de forma desinteressada.

As ideias de Marcellino relativas ao tempo e à atitude aproximam-se das propostas de Gaelzer. Os autores consideram os dois aspectos indissociáveis, ao caracterizar, estudar e analisar o lazer. Gomes (2004, p.125) compreende o lazer como:

*uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.*

Segundo a autora, “o lazer é uma das importantes dimensões da cultura, assim como o trabalho, a educação, a família, dentre outras” (p.123). Para ela, a compreensão do lazer envolve quatro elementos inter-relacionados, os quais refletem as condições materiais e simbólicas que caracterizam a vida em sociedade: a) *o tempo* que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer; b) *o espaço/lugar* vai além do espaço físico, já que os sujeitos se apropriam dele para transformá-lo em ponto de encontro para o convívio social; c) *as manifestações culturais* constituem as práticas vivenciadas como fruição da cultura e, por isso, detêm significados singulares; d) *as ações ou atitudes* fundamentam-se na ludicidade – entendida como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com a realidade (p.124).

Pode-se concluir, a partir das concepções citadas, que os autores compreendem o lazer como desobrigação profissional, familiar e social, liberdade para repousar, entreter-se e recrear, representando um conjunto de valores (Dumazedier); bem-estar individual que proporciona desenvolvimento integral do sujeito (Gaelzer); tempo disponível empregado na cultura (Marcellino); tempo livre de trabalho e sentimento de relativa liberdade de um indivíduo (Parker); uma das importantes dimensões da cultura (Gomes). Pode-se dizer que há consenso sobre a importância da experiência individual no âmbito do lazer. Os indivíduos buscam atividades que proporcionem excitação, realização e expressão individual, num contexto cultural. As práticas de lazer possibilitam a sensação de liberdade ao permitir uma fuga temporária da rotina cotidiana de trabalho e obrigações sociais. No espaço-tempo de lazer, os sujeitos



consolidam relacionamentos, consomem e (re)significam produtos culturais, geram fruição, sentidos estéticos e processos de identificação cultural (Brenner, Carrano e Dayrell, 2005). De acordo com os autores, nos espaços de lazer os indivíduos encontram possibilidades de experimentação da individualidade e das múltiplas identidades inerentes à convivência cidadã, nos vários campos de inserção social. As práticas de experiência coletiva, em espaços sociais públicos de cultura e lazer, podem ser consideradas verdadeiros laboratórios, onde se produzem ensaios e subjetividades.

Nesse estudo, adoto os conceitos de Marcellino (1990) e Gomes (2004), que se aproximam mais da proposta desse estudo, uma vez que conferem aos sujeitos a possibilidade de desenvolvimento pessoal e social e, conseqüentemente, mudanças de ordem moral e cultural. No próximo item, apresento os significados atribuídos pelos sujeitos pesquisados à experiência de lazer.

### **O lazer dos homossexuais masculinos portadores do HIV/aids**

Os estudos acerca do lazer dos portadores do HIV/aids são escassos. A maioria das publicações está voltada às atividades físicas e seus benefícios, não abordando a questão do lazer, propriamente dito. Algumas questões tornam-se relevantes para a caracterização do lazer entre os homossexuais que vivem com o HIV/aids.

Vale ressaltar que, na realidade política brasileira, significativa parcela da população esta cerceada no exercício da liberdade, na medida em que se encontra distante das condições mínimas de sobrevivência (Linhales, 1999). Ainda que o lazer seja um direito constitucional assegurado, o acesso, na prática, está fortemente mediado por relações de mercado e pela capacidade de consumo dos sujeitos. Assegurar que o lazer seja encarado pelos sujeitos como um direito social torna-se cada vez mais difícil, em virtude de uma série de barreiras na vida sociocultural ditada pela lógica capitalista. O direito social, muitas vezes, se transforma em favor e tutela, reforça as relações de dependência e exclusão e dificulta o exercício da liberdade (Demo, 1995).

Acredito que o acesso restrito às vivências de lazer não é uma prerrogativa dos homossexuais masculinos infectados pelo HIV/aids, mas sim, de inúmeros grupos sociais. Porém, percebo que a situação seja, ainda, mais agravante para os portadores.

Nem sempre é possível ocultar sinais corporais associados à aids. É possível citar a Lipodistrofia, caracterizada por mudanças na distribuição da gordura corporal, que pode ser mais bem definida como a perda dos depósitos de gordura em áreas periféricas e o acúmulo na área central do corpo. Além disso, as manchas na pele, a lentidão de movimentos e, conseqüentemente, o medo do olhar do outro. Os portadores do HIV/aids tomam muito cuidado com a exposição do corpo em diversas situações, dentre elas na prática do lazer, pois qualquer sinal pode constituir a possibilidade de se tornar pública a soropositividade.

Constantemente, notícias de agressão e preconceito contra os homossexuais são veiculadas nos diferentes meios de comunicação. Um dos questionamentos que proponho, de maneira recorrente, ao analisar as vivências de lazer desses sujeitos é: *Como eles vivenciam o lúdico?* O termo pode ser entendido “como uma das dimensões da linguagem humana, possibilidades de expressão do sujeito criador que se torna capaz de dar significado à sua existência, ressignificar e transformar o mundo” (Debortoli apud Gomes, 2004, p.145), no espaço/tempo de lazer. Essa pergunta torna-se pertinente ao constatar em estudos realizados por Sales (2000) que, na maioria das vezes, a principal preocupação desses sujeitos é com o olhar dos outros em relação a si e ao seu estilo de vida.

Lamentavelmente, nem sempre os espaços socioculturais estão disponíveis aos sujeitos pesquisados. Para Marcellino (2006), democratizar o lazer implica democratizar o espaço. A segregação



social e espacial<sup>4</sup> consolida-se, cada vez mais, nas cidades brasileiras. Uma evidência dessa realidade é a obra de Caldeira (2000) intitulada “*Cidade de Muros*”. Esse quadro social resulta na instauração dos guetos, como espaço único para expressão das vivências de lazer. Não me coloco contrário aos guetos, apenas saliento a restrição de possibilidades.

Pesquisas realizadas por Seffner (1995), Silva (1997) e Sales (1997; 2000) apontam que determinados indivíduos, após o resultado positivo do teste anti-HIV, na fase de latência - período em que a soropositividade apresenta-se assintomática - conservam sentimentos de castigo, punição e vergonha, acompanhados pelo luto antecipado, caracterizando a "morte social".

Diante desse cenário instalado frente a uma possível "morte social", os portadores do HIV/aids manifestam baixa autoestima e/ou medo de discriminação, enfrentam dificuldades em buscar apoio e construir elos com as pessoas, grupos, movimentos e instituições, por temor da reação dos outros ou negligência consigo mesmo (Terto, 1996). Os vínculos sociais são comprometidos, dificultando as possibilidades de participação coletiva e provocando o enfraquecimento das redes sociais (Sudbrack, 2003).

Os depoimentos dos sujeitos pesquisados sobre o lazer expressam, de certa forma, a concepção ambígua e polissêmica, também identificada no referencial teórico, já que as definições transitam ora por parâmetros objetivos, ora subjetivos. Os sujeitos relacionaram o lazer à liberdade de escolha, às preferências, à diversão e ao tempo livre. A relação com a ocupação nem sempre é feita de forma explícita, ainda assim revela-se em alguns relatos. Os soropositivos compreendem o lazer como o momento em que: *podemos fazer o que gostamos e queremos em busca do prazer*. Para eles, o lazer caracteriza-se como experiência individual, vivida em atividades práticas ou contemplativas; circunscrita a um tempo livre; seja para movimentar o corpo, despertar a imaginação ou o intelecto; realizada isoladamente ou na companhia de outras pessoas, prevalecendo o interesse pessoal em busca do prazer.

A liberdade de escolha é citada por alguns autores consultados como uma característica do lazer. Os participantes da pesquisa afirmam que, no tempo do lazer, *fazemos apenas aquilo que desejamos*. Referem-se, indiretamente, ao tempo livre, sem obrigações de trabalho, tratamentos médicos e demais compromissos. Para eles o lazer representa um tempo não regulado, conforme relato a seguir:

*Lazer é quando a gente pode se desligar de um compromisso ou de alguma coisa que traga estresse para desestressar, não temos que obedecer o relógio.[...] Lazer para mim é algo que te traga prazer, te traga relaxamento e descanso.(Sujeito1)*

Outro entrevistado mencionou a livre escolha e definiu a diversão como elemento determinante do lazer. Ele descreve a própria concepção de lazer:

*[...] nas horas de folga, sair para me divertir, fazer aquilo que eu gosto, esportes, academia, danças, bares. Me distrair, descontrair, me divertir. No meu trabalho tenho que ficar sério, não podemos brincar; (Sujeito 2).*

<sup>4</sup> Vale destacar que para os sujeitos pesquisados dependem do transporte público para participar de atividades de lazer fora de suas comunidades. Em Belo Horizonte, além desse meio de transporte ser precário, segue a lógica instrumental do trabalho, reduzindo os números de viagens nos finais de semana e no período noturno. Os usuários devem controlar os horários disponíveis, ficar muitas horas a espera ou ainda fazer longas caminhadas. Sem contar o alto preço das passagens.



Para outros entrevistados, o lazer constitui o momento em que estão na companhia dos amigos. Um deles entende que o lazer faz parte da rotina, mas também o distingue como uma circunstância para aproveitar a vida.

Em suma, para os sujeitos pesquisados, o lazer caracteriza-se por momentos de descanso, relaxamento e diversão. O lazer teria a função de compensar certas experiências cotidianas, como as obrigações, não, necessariamente, ligadas ao trabalho, mas a preocupação com os compromissos e o estresse da jornada diária.

Nos depoimentos, verificou-se, conforme o referencial teórico, que a visão sobre a vivência de lazer varia entre as pessoas, aquilo que é lazer para um, pode não ser para outro. Os indivíduos desenvolvem relações de prazer com a rede social e o espaço/tempo conquistado (Gomes, 2004). O caráter individualista da vivência do lazer, a liberdade de escolha e a satisfação como fim tornam-se evidentes nos depoimentos.

O espaço da família não foi considerado lazer por nenhum dos sujeitos pesquisados. Atribuo essa atitude às pressões e ao isolamento enfrentados por causa do estilo de vida escolhido, uma vez que esses sujeitos não seguem o caminho socialmente esperado pelas famílias – ser heterossexual, viril, casar-se e construir a própria unidade familiar. Os relatos evidenciam a falta de liberdade para assumir a própria identidade; ao não poderem levar os amigos homossexuais em casa, por exemplo, diferentemente daqueles que são independentes da família.

Durante dezesseis meses, frequentei as reuniões de convivência e, por algumas vezes, participei das vivências de lazer dos portadores do HIV/aids. Foi possível perceber que os soropositivos mantêm vivo o interesse pelo lazer, mesmo diante das barreiras. Seja por falta de dinheiro, tempo ou opção, pelo medo do preconceito ou ainda limitações de acesso às práticas de lazer. Essas atividades não ocupam posição de destaque na distribuição do tempo dos sujeitos pesquisados. Marcellino (2006) afirma que: “quando se pergunta às pessoas, qual a importância do lazer nas suas vidas, a resposta fica entre sétimo a décimo lugar numa escala de prioridade. Isso se deve à pouca ‘ressonância social do lazer’, ainda não visto como direito social, e também à hierarquia de necessidade”. A partir das discussões propostas nos grupos, os participantes da pesquisa mostraram-se dispostos a redistribuir o tempo de lazer, de organizá-lo na tentativa de vivenciar, com qualidade e com maior frequência, as práticas relacionadas à dimensão intersubjetiva.

Quando questionados sobre as vivências de lazer nos dias atuais, os soropositivos mencionaram três tipos: o “lazer passado”, o “lazer vivido” e o “lazer idealizado”. O primeiro tipo reúne as lembranças guardadas na memória, a exemplo das viagens, dos amigos, das baladas e do convívio com a família.

Os depoimentos revelam que o “lazer passado” era conduzido pelo “excesso”, tudo era permitido. O tempo era infinito, não havia previsão para início ou fim das baladas e das viagens.

O “lazer vivido” atualmente fica regido pelos cuidados com a saúde, pelas dificuldades financeiras, pelo medo de tornar públicas as identidades homossexual e soropositiva. Em alguns lugares, eles precisam ocultar suas identidades, às vezes, não ocultam uma delas, a exemplo da homossexual nos espaços direcionados ao público LGBT.

A contribuição dos espaços de convivência também ganhou destaque nos depoimentos, demonstrando que as ONGs cumprem uma função importante na constituição das redes de relacionamentos desses sujeitos.



Nos depoimentos e nas reuniões de convivência, pude perceber discursos, representações, valores e conteúdos ocultos relativos às vivências de lazer nos bares, boates e eventos voltados ao público LGBT. Grupos de homossexuais encontram-se em torno da bebida, da conversa, do riso, do encontro gratuito, o que remete a formas de vivência do tempo livre, nas quais impera o princípio do prazer. Contudo, essas práticas são rotineiras - uma vez que não há uma pluralidade de opções de lazer -, e articuladas pelos sujeitos nos tempos sociais, entre o ambulatório, a casa, o trabalho e outras obrigações sociais.

No entanto, pude perceber no convívio com os portadores do HIV/aids que os espaços ocupados são frequentados, muitas vezes, pela falta de opção. A vontade de transitar por outros espaços de lazer da cidade foi citada, explícita ou implicitamente, várias vezes nos depoimentos. Mas o medo da discriminação, as dificuldades financeiras e a estigmatização são mais fortes. Por isso, muitos espaços e equipamentos tornam-se *lazer idealizado*.

Na prática, o “lazer idealizado” não se realiza, conforme pude perceber durante o trabalho de campo.

A preferência por viagens é notória nas entrevistas e nas reuniões do grupo. Houve vários relatos do desejo de “*viver somente viajando*”, “*viajar para o exterior*”, “*ir morar em outro lugar*”. Apesar de valorizadas, as viagens denotam duplo juízo nos depoimentos. A viagem pode ser uma atividade de lazer, de descontração, um momento de não trabalho, de descanso, redução de estresse, e até associada a prescrições médicas. Para o soropositivo, a viagem pode significar o afastamento do ambiente conhecido, onde a revelação da soropositividade é um risco, os relacionamentos afetivos estão ou podem ficar comprometidos e a descoberta de informações a seu respeito torna-se uma constante ameaça.

Afastar-se do lugar onde a infecção foi contraída pode representar um alívio da tensão, uma fuga. A ideia de viajar reúne uma série de subterfúgios para a soropositividade: descanso, vida nova, visita a lugares interessantes, encontro com pessoas novas e relações a partir do “ponto zero”. Após a confirmação da soropositividade, os sujeitos viram o tempo livre aumentar de forma considerável, o que não, necessariamente, constitui tempo disponível para o lazer. Pesquisa realizada por Brenner, Dayrell e Carrano (2005, p. 178) aponta que a existência de tempo livre não garante a fruição do lazer. Segundo os autores, o tempo livre do trabalho em caso de desemprego e desocupação pode, muitas vezes, significar espaços de opressão, de penúria e de falta de oportunidades. Uma parcela significativa dos sujeitos pesquisados enfrentam essa realidade.

O tempo não é percebido apenas como dimensão física, a partir dos minutos e segundos do relógio. É fundamentalmente um tempo cultural e social, recheado de atividades e relações, a partir de uma rede de percepções individual e coletiva. A soropositividade, invariavelmente, força os indivíduos a reestruturarem a relação com o tempo. De um modo geral, as atividades que demandam investimentos de longo prazo tendem a ser abandonadas, em detrimento de outras em que o retorno é imediato.

Quando questionados sobre as redes sociais nas vivências do lazer, os portadores do HIV/aids declararam grave comprometimento dos vínculos pessoais e sociais.

*[...] São os portadores, que eu posso contar o que eu sei e a minha experiência e a experiência deles para aprender com a experiência deles também, e os que não são aprendendo muita coisa com eles também. (Sujeito3)*

Segundo Menicucci (2006), a partir do reconhecimento as pessoas tendem a formar aglomerados humanos, compartilhando características similares, tornando a categoria território um espaço físico e



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

simbólico crucial. Existe uma intenção de atuar de forma sinérgica sobre regiões relativamente homogêneas quanto às características socioeconômicas, urbano-espaciais e, particularmente, às identidades e redes de sociabilidade, construídas a partir do pertencimento ou identificação com o lugar.

A baixa renda dos homossexuais portadores do HIV/aids aqui analisados representa um dos grandes entraves à vivência do lazer, uma vez que, dentre os sete entrevistados, apenas dois realizam atividades remuneradas, três dependem da ajuda financeira da família e dois recebem benefícios do Governo Federal, em função das sequelas de doenças oportunistas.

Os portadores do HIV/aids são impedidos de usufruir os benefícios do lazer em função das barreiras de acesso. Faz-se necessário minimizar essas barreiras, tendo em vista que nos momentos de lazer, os sujeitos pesquisados demonstraram descontração e alegria, recordando que as trocas lúdicas são capazes de estimular emoções prazerosas.

Percebo o lazer como espaço e tempo de desenvolvimento e emancipação humana, que pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos. A companhia de outros portadores do HIV/aids e a identificação de desejos e necessidades semelhantes proporcionam satisfação aos sujeitos estudados. Muitas vezes, não lhes é possível explorar e expressar seus sentimentos por diferentes fatores sociais e culturais.

As efetivações das práticas de lazer estão, frequentemente, condicionadas a atividades institucionalizadas, companhia e oportunidades; à situação financeira; à discriminação e estigmatização. Todos esses fatores restringem as vivências de lazer aos guetos, impedindo os sujeitos de ocupar outros espaços e tempos.

Alguns entrevistados se atrapalharam nos depoimentos, ao responder as questões sobre as práticas de lazer. Relatavam que não havia mudanças e que tudo era como antes, em total desacordo com o que haviam declarado nas reuniões de convivência. O tema lazer foi o mais explorado na entrevista e, por isso, foi possível identificar as contradições. Quase todos apontaram mudanças nas vivências de lazer, claramente atribuídas ao viver com o HIV/aids, conforme transcrições a seguir: *“ninguém liga mais pra mim, convidando para sair”*, *“muitos dos amigos que tinha antes, agora não tenho mais notícias, sumiram”*<sup>5</sup>.

Todavia, algumas investigações verificadas apontam claramente que nos bastidores desse enredo situam-se sujeitos homossexuais masculinos portadores do HIV/aids que tem suas vivências de lazer bastante reduzidas, restringindo-se a poucos espaços, muitas vezes, frequentados em virtude da falta de opção.

Os depoimentos revelam diferentes sentidos atribuídos ao lazer em cada história de vida. Os participantes do estudo destacam o tempo livre, a livre escolha das atividades, a diversão e a busca pelo prazer. A maioria dos entrevistados relacionou a experiência do lazer a atividades que gostam ou que lhes proporcionam diversão e prazer, estando sós ou em companhia de pessoas que fazem parte dos seus vínculos de amizade.

### Considerações finais

Ao concluir esse trabalho, percebo que surgem novas possibilidades de pesquisa e propostas de intervenção. Todas as possibilidades demandam a abordagem da complexidade vivida pelos portadores do HIV/aids de menor poder aquisitivo, que enfrentam estigmatização e preconceito no processo da

<sup>5</sup> Registros retirados do diário de campo, redigido durante as reuniões de convivência e atividades de lazer.



construção identitária. As circunstâncias levam os sujeitos ao isolamento, ao estresse e à depressão, ofertando-lhes poucas alternativas de solução para as dificuldades encontradas na trama social.

A discriminação e a estigmatização também compromete a vivência do lazer. A auto e heterodiscriminação dificultam o acesso aos equipamentos e espaços de lazer, limitando-os aos guetos e, até mesmo, ao ambiente doméstico.

Acredito que a interação entre o lazer, a homossexualidade masculina e o HIV/aids – construída nesse estudo - mostra-se imprescindível para a compreensão das realidades vivenciadas pelos sujeitos pesquisados e para a elaboração de políticas públicas de lazer para essas pessoas que vivem com o HIV/aids.

### **Referências Bibliográficas**

BRENNER, A. K; CARRANO P.; DAYRELL, J. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa social**. São Paulo; Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo; 2005. p. 175-213

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: EDUSP. 34; 2000.

DEMO, P. **Cidadania Tutelada e Cidadania Assistida**. Campinas-SP: Autores Associados; 1995.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Líber Livro Editora; 2004. (Série Pesquisa em Educação, v. 8).

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva; 1979.

GAELZER, L. **Lazer: bênção ou maldição?** Porto Alegre, Sulina, Ed. UFRGS; 1979.

GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autentica; 2004.

LINHALES, M. A. Lazer, cidadania e qualidade de vida: reflexões acerca da possibilidade da liberdade e da ação política. *Rev Licere Col*. 1999, 1(1):19-30.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Humanização**. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus; 1995.

\_\_\_\_\_. **Estudos do Lazer**: 2ª Ed. ,Campinas, SP. Autores Associados; 2000.

\_\_\_\_\_. **Lazer e educação**. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus; 1990.

\_\_\_\_\_. O lazer e os espaços na cidade. In: ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A. **Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2006.



MENICUCCI, T. Políticas públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A. **Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2006.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. (Trad. George Allen). Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

SALES, R. A. J. **Pensando as Vivências do Lazer dos Soropositivos ao HIV/AIDS**. (Monografia Especialização) – Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte; 2000.

SEFFNER, F. AIDS, estigma e corpo. In: LEAL, O. F. **Corpo e significado, ensaio de antropologia social**. Porto Alegre: Universitária UFRGS; 1995.

SILVA, R. G. (org.) **Ação e vida. Resposta à epidemiologia HIV/AIDS em Belo Horizonte**. Secretaria Municipal de Saúde BELO HORIZONTE; 1996.

SUDBRACK, M. F. O.; PEREIRA, S. E. F. N. Avaliação das redes sociais de adolescentes em situação de risco. In: SUDBRACK, M. F. O.; CONCEIÇÃO, M. I. F. S.; SILVA, M. T (Orgs.). **Adolescentes e drogas no contexto da justiça**. Brasília: Plano Editora; 2003.

TERTO, V. J. Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: Questões de homossexualidade masculina em tempos de AIDS. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. M. (org.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará; 1996.

WERNECK, C. L. G. **Lazer, Trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: UFMG, CELAR-DEF/UFMG; 2000.

Contato: [ricksales@ufmg.br](mailto:ricksales@ufmg.br); [ricksalesufmg@gmail.com](mailto:ricksalesufmg@gmail.com)  
Tel: 31-99728615